



**Políticas públicas de lazer e
qualidade de vida:
a contribuição do conceito de cultura
para pensar as políticas de lazer**



MARCO ANTÔNIO BETTINE DE ALMEIDA¹

GUSTAVO LUIS GUTIERREZ²

Introdução

Este artigo procura desenvolver uma reflexão a respeito das políticas públicas de lazer a partir da discussão atual sobre cultura, principalmente no que diz respeito à sua percepção enquanto cultura de massas, cultura popular e cultura erudita. A proposta de análise, embora rica de consequências e sugestões, é evidentemente muito ampla, o que nos levou a ter que tratar questões muito complexas de forma rápida. Acreditamos, contudo, importante e urgente desenvolver esta relação entre lazer e cultura, no sentido de cons-

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação, Linha de Pesquisa de Políticas Públicas de Lazer da Faculdade de Educação Física - UNICAMP.

² Professor do Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física-UNICAMP.



truir pontes e aproximações úteis para a reflexão a respeito de qualidade de vida e políticas públicas.

Como procuramos apontar num texto anterior (Gutierrez, 2004), a qualidade de vida constitui-se enquanto objeto de pesquisa de forte vocação multidisciplinar. Isto significa dizer que vamos encontrar no seu interior a soma das dificuldades metodológicas, teóricas e políticas dos diferentes campos de estudo que contribuem para a sua formação. Neste sentido, continuamos acreditando que, apesar das diferentes concepções de qualidade de vida, é fundamental ter presente na análise a importância da sua dimensão política, compreendida enquanto a expectativa de melhoria e transformação das condições concreta de existência das pessoas.

Finalmente, cabe colocar que o texto a seguir procura traçar uma síntese das relações entre cultura e lazer, desde a perspectiva da inserção no campo das políticas, procurando contribuir para desenvolver e aprofundar uma reflexão abrangente a respeito das diferentes dimensões que influenciam as condições de sobrevivência das pessoas e a sua qualidade de vida.

Definindo cultura

O termo cultura tem dois significados básicos. O primeiro indica o conjunto dos modos de viver e pensar definidos como civilização, ou seja, a cultura entendida como a construção de uma totalidade através das tradições, técnicas, instituições, derivadas de um sistema histórico, parte integrante e indissociável do armazém do saber partilhado por uma determinada comunidade. A construção deste sentido operou-se no séc. XVIII por obra da filosofia iluminista. Outro significado de cultura, trazido da tradição grega, que designa a formação do homem enquanto agente consciente, referindo-se ao homem como ser uno à procura do auto-conhecimento e em



estreita relação com as artes e ofícios. Tendo-se tornado praticamente sinônimo de civilização, o termo hoje designa o conjunto das tradições, técnicas, instituições que caracterizam um grupo humano: a cultura compreendida desta maneira é normativa e adquirida pelo indivíduo, desde a infância. Neste sentido, cultura é uma palavra que se aplica tanto a uma comunidade desenvolvida do ponto de vista técnico ou econômico, como às formas de vida social mais rústicas e primitivas. Estamos pensando portanto *“a cultura... tratada como sistema simbólico, pelo isolamento dos seus elementos, especificando as relações internas entre esses elementos e passando então a caracterizar todo o sistema de uma forma geral – de acordo com os símbolos básicos em torno dos quais ela é organizada, as estruturas subordinadas das quais é uma expressão superficial, ou os princípios ideológicos nos quais ela se baseia.”* (Geertz, 1989, p.27). Bourdieu, por sua vez, sustenta que a percepção do mundo social implica um ato de construção coletiva, comportando-se e operando-se, na prática cotidiana, através da representação explícita e da expressão verbal. (Bourdieu, 1989, p.140).

O significado de cultura mais antigo designa o melhorar e refinar da formação humana, que corresponde ainda hoje ao que os gregos chamavam Paidéia e que os Latinos indicavam pela palavra *humanitas*: a educação do homem como tal, isto é, a educação devida àquelas “boas artes” próprias do homem e que o diferenciam de todos os outros animais. A cultura para os gregos é a procura e a realização que o homem faz de si. O homem só pode realizar-se como tal através do conhecimento de si mesmo e do seu mundo e, portanto, mediante a pesquisa da verdade em todos os domínios que lhe interessam.

A cultura, no sentido mais amplo, integra-se em diferentes mecanismos de ação que perpassam o universo simbólico no qual o agente vive, onde o corpo é o primeiro filtro da percepção seja através dos sentidos, ou compreendida como



experiências. Na formação do universo cultural, têm-se diferentes níveis de compreensão nas formas de aprendizado, sociabilização e influência do meio ambiente. Ao mesmo tempo que a definição de cultura, sinônimo de civilização, é empregada na tradição iluminista, também podemos sintetizá-la pela busca individual de elementos cotidianos para a formação do homem enquanto agente histórico, neste sentido que Elias aponta para uma idéia de civilização representada por uma coletividade que define certos padrões, mas que inserido nesta totalidade o indivíduo procura na sua cultura formas múltiplas de relacionamento no pensar e agir (Elias, 1984, p.68). Podemos, assim, apontar diferentes dimensões da cultura, como a cultura erudita que é transmitida na escola e sancionada pelas instituições; a cultura criada pelo povo (popular), que articula uma concepção do mundo em contraposição aos esquemas oficiais; a cultura de massa que reflete um sistema industrial em desenvolvimento e que tem base no fetiche, na mercantilização das relações e o no consumo.

Alguns teóricos da cultura, como Bosi (1986), atentam para o caráter dominante da cultura de massa. Nesta interpretação, a partir de leituras de Adorno e Horkheimer (1986), a crise da cultura popular leva à concepção de cultura de massa, sendo uma nova era para a cultura popular: *“claramente não folclórica; abertamente organizada por empresários da indústria do lazer; fortemente estruturada em função de um certo público-massa e necessariamente distinta das experiências da ‘alta cultura’.”* (Bosi, 1986, p.73).

Além dele, outros autores (Morin, Adorno, Benjamim) acusam a cultura de massa de não ser cultura mas indústria, de não ser orgânica mas exterior e manipuladora da inteligência e sensibilidade. Morin aborda esta perda de sensibilidade denominando-a “segunda industrialização”, a ser a industrialização do espírito (Morin, 1997). *“É esse o caso daquilo*

que pode ser considerado uma Terceira Cultura, oriunda da imprensa, do cinema, do rádio, da televisão, que surge, desenvolve-se, projeta-se, ao lado das culturas clássicas e nacionais.” (Morin, 1997, p.14).

O consumo da cultura de massa confunde-se com a concepção do lazer moderno. O lazer moderno não é apenas o acesso democrático a um tempo livre que antes era o privilégio das classes dominantes. A fabricação em série e a venda a crédito abrem as portas para os bens industriais, para a limpeza do lar com aparelhos eletrodomésticos, para fins-de-semana motorizados. É então possível começar a participar da civilização do bem-estar, e essa participação embrionária no consumo significa que o lazer não é mais apenas o vazio do repouso e da recuperação física e nervosa, não é mais a participação coletiva na festa, não é tanto a participação nas atividades familiares. Ele é, progressivamente, a possibilidade de ter uma vida consumidora (Morin, 1997).

Definindo lazer

Dumazedier (1979) define lazer como o conjunto de ações escolhidas pelo sujeito para diversão, recreação e entretenimento. Num processo pessoal de desenvolvimento, tem caráter voluntário e é contraponto ao trabalho urbano-industrial. É interessante notar que, para Morin (1997), o lazer moderno é o acesso ao tempo livre, privilégio este no passado das classes dominantes (desde a tradição grega de ócio), vincula-se ao tempo industrial e possui como principal característica o repouso e recuperação do trabalho. Outro autor que se apoia na dicotomia lazer-trabalho para definir lazer é Magnani (2000), apontando o interesse como principal característica do lazer, após libertar-se das obrigações impostas pelo trabalho profissional. Elias e Dunning (1992), por sua vez e afastando-se da tradição dicotômica, entendem o lazer como um tipo de atividade que se insere no tempo livre e colocam o



indivíduo (em vez da classe social ou do grupo de referência) como principal objeto de pesquisa, enquanto sujeito social que pode dotar de sentido a atividade e aproximá-la da busca da excitação ou do prazer, definido enquanto a busca de um descontrolo medido ou ainda um descontrolo controlado. Neste caso, o lazer apesar de trabalhar no limite do descontrolo, está intimamente ligado às dimensões sociais para cada situação como, por exemplo, no estádio de futebol onde são permitidos xingamentos e atitudes não convencionais (Elias e Dunning, 1992, p.112). Outro trabalho sobre do lazer que procura afastar-se da dicotomia lazer/trabalho é Gutierrez (2000), onde o lazer é caracterizado como a busca do prazer, entendendo prazer enquanto construção histórica inserida numa sociedade determinada

Uma outra alternativa para pensar o lazer consiste em destacar a questão da busca do prazer enquanto elemento fundamental que o distingue das demais manifestações sociais. Não haveria assim nenhuma forma de lazer que não incluía a expectativa futura de auferir algum nível de prazer, independente do fato da expectativa vir a ter sucesso ou não, e definindo prazer enquanto elemento essencialmente humano, característico da formação da personalidade e que pode ser percebido em qualquer meio social organizado, desde uma perspectiva histórica (Gutierrez, 2000, p.103). Uma exposição mais ampla a respeito das diferentes definições de lazer já foi desenvolvida num trabalho anterior e não cabe aqui retomá-la (Almeida, 2003).

Ampliação da categoria lazer confrontada com a idéia de cultura

A cultura e o lazer possuem uma íntima relação. Muitas das atividades designadas lazer passam por manifestações de cultura. Os jogos, as brincadeiras, as expressões artís-



ticas são lazeres e fazem parte da herança cultural de cada comunidade. Algumas apropriações teóricas do lazer em diferentes conteúdos (Dumazedier, 1979) podem fracionar a cultura em segmentos estanques, perdendo a sua riqueza intrínseca da sua multiplicidade, antagonismo e renovação. Procurando não segmentar nem a idéia de lazer, e nem tampouco a de cultura, trabalharemos a sua relação como definida pela totalidade das tradições, técnicas e instituições derivadas de um sistema histórico, parte integrante e indissociável do saber partilhado por determinada comunidade. Apesar deste conceito explicitar uma totalidade, deve-se ter o cuidado de evitar reviver a ditadura de uma concepção de “cultura” abstrata, mas percebida numa realidade concreta enquanto cultura de massas, cultura popular e cultura erudita.

A cultura de massa, que também pode ser compreendida enquanto indústria cultural, constituiu-se após a revolução industrial (Morin, 1997), principalmente pelo desenvolvimento da tecnologia e a transformação dos meios de produção. Estudiosos deste período, como Benjamin (1994), Adorno e Horkheimer (1986), discutiram a influência da indústria cultural no cotidiano da sociedade industrial, apontando para seu caráter dominador e ideológico, principalmente pela criação de mecanismos de difusão em massa, como é o caso do rádio, da fotografia, cinema e televisão. Neste caso a arte, que anteriormente se expressava no seio da cultura popular e erudita, agora divulga a rapidez e o consumo. Os meios de comunicação terminam por substituir outras formas de expressão não consumistas, isto é, apresentam-se enquanto mercadoria, e disseminando hábitos e costumes, e moldando relações interpessoais (Corbin, 1995).

Estes processos de substituição foram construídos para desenvolver o consumo e expandir o novo sistema de produção, num processo de padronização da vida burguesa enquanto modelo último a ser seguido, atingindo diretamente as for-



mas de lazer já que o seu consumo ocorre necessariamente no tempo não produtivo. No lazer ocorrem os dois processos apontados anteriormente, (a) a mecanização do lazer através da incorporação da tecnologia e (b) a substituição da busca de um prazer não-consumista por uma necessidade de consumo, por meio da ideologização. Nesta perspectiva de análise a cultura de massa, pelo processo de substituição e ideologização, pode ser percebida subordinando todas as outras expressões em prol do consumo, delimitado e esmagando os dois campos: cultura erudita (caracterizada pelo autoconhecimento) e cultura popular (caracterizada pela sociabilidade espontânea), para constituir-se enquanto campo hegemônico. Com o desenvolvimento da sociedade contemporânea, a indústria cultural confunde-se com o lazer ao ponto de serem usados como sinônimos, o que leva a um afastamento ainda maior das suas manifestações não consumistas. O uso da televisão é lazer, como o cinema, a música pop, a dança de salão ou a fotografia. Entre as formas mais recentes vamos encontrar os parques temáticos, que nestes últimos dez anos tem se desenvolvido em grande escala no cenário brasileiro, sendo uma das expressões mais fortes do lazer de consumo e do uso da tecnologia no lazer.

De modo geral a cultura de massa não é definida pelo acesso, mas pelo fetiche (vontade) em torno dela, isto é, o número de pessoas que podem ter tal lazer não define o seu caráter consumista, mas sim a vontade de ter. Por exemplo, a televisão é cultura de massa por excelência. Tendo em vista a televisão, cultura de massas por excelência, pode-se perceber que a indústria cultural não depende somente do poder aquisitivo, mas é parte também da formação de necessidades, construídas pelo sistema de produção, caracterizada por um contexto histórico particular. A ideologia desta necessidade tem como objetivo principal a valorização de padrões de comportamento determinados, através da criação e reprodução de



uma vontade de aquisição de bens materiais e simbólicos. Segundo Bosi (1986) a cultura de massa tenta suplantar os valores da cultura popular, substitui a integração do indivíduo à cultura, transformando-o em mero espectador ou consumidor. A indústria cultural desvaloriza o folclore, justamente para poder inserir-se como prática dominante e colonizar o popular com os valores burgueses, com o intuito de destruir todas as formas espontâneas que não tem como fim último o mercado. O lazer, guiado pelos cânones da indústria cultural, tem uma forte presença do individualismo e do consumo (Morin, 1997), a sua construção gira em torno da necessidade, da busca do prazer e do relacionamento com o outro através dos bens de consumo. Apesar de estar totalmente incorporado no cotidiano, este valor pode ser revisto, pois existem formas de preservação do popular e do erudito como veremos a seguir.

O termo cultura popular, por sua vez, remete-se às manifestações coletivas, geralmente no espaço não-urbano. Ao pensar a cultura popular, o folclore e os ritos antigos são os primeiros a serem lembrados. Esta alusão do popular e rural está presente na própria constituição do capitalismo, já que a exploração da terra o êxodo rural são características da formação do proletário urbano (Fernandes, 1998). O processo de apropriação da cultura popular pela de massas é complexo e incorpora aspectos como, a perda de identidade, o afastamento dos símbolos sagrados coletivos, a destruição de uma moral campesina e o patriarcalismo. Como analisado na primeira parte deste artigo, assumimos a cultura no sentido semiótico de re-apropriação e re-significação temporal, historicamente determinada. Neste sentido, a cultura popular parece viver, desde a constituição da sociedade moderna uma luta diária com a indústria cultural, procurando incorporar a tecnologia e reconvertê-la enquanto instrumento de uma sociabilidade espontânea ou autêntica. No caso do lazer, particularmente, vive-se a dualidade entre as novas tecnologias do lazer e a



ideologia do consumo onde o lazer popular pode ser percebido enquanto espaço de resistência da doutrinação puramente consumista, tendo como exemplos as festas típicas e os jogos e brincadeiras como pião, botão, capoeira, taco, cinco marias e todas aquelas que nascem de uma forma coletiva e de interação entre os pares, diferentemente dos brinquedos eletrônicos que vêm prontos ou do uso da Internet dentro de casa. A cultura popular tem como principal característica a sociabilidade, enquanto estas atividades são voltadas a exacerbação do individualismo e disseminadas enquanto mercadorias

Todas as práticas ligadas a este contexto coletivo são exemplos da cultura popular e o seu caráter de troca as tornam mais importante. Como descrito por Bosi (1986), a indústria cultural tenta suplantá-la. Segundo Habermas (1987), por exemplo, sempre existirão tentativas de exterminar a cultura popular, para inculcar cada vez mais os valores de consumo. A incorporação do popular pelo mercado é infinito, segundo Habermas, já que a própria indústria cultural nasce do mundo da vida, posteriormente desvincula-se da cultura popular através da sua complexificação sistêmica, passando a colonizá-la. Este processo é definido por Habermas como formação e apropriação do sistema através da colonização do mundo da vida. Para Habermas o mundo da vida é a base das relações humanas e toda nova forma de vida tem como base essa relação orgânica e social. A cultura, neste sentido, é o armazém do saber humano (Habermas, 1987). Deste modo, as festas típicas, como a Junina, Cosme e Damião e dias Santos podem ser vistas lutando para manterem a tradição e não sucumbirem à indústria cultural. A cultura popular é re-apropriada, re-significada e re-construída numa evolução da própria construção social. Neste sentido o lazer definido aqui como popular não é aquele que permanece inalterado pelo tempo, mas o que preserva e incentiva a socialização espontânea e a formação coletiva de identidade do grupo. Esta



dimensão parece ser a característica fundamental da cultura popular.

Assim as práticas de lazer populares como os jogos que pulsam nos morros, ou as brincadeiras de rua urbana, ou as festas rurais populares, são formas de lazer que representam as práticas coletivas de convivência e símbolos de uma comunidade, um apelo ao passado e uma forma de resistência à generalização da tecnologia e do consumismo.

A cultura erudita não pode ser encarada como valorização do aristocrático, ou ligada, literalmente, ao poder aquisitivo, porém é verdade que, de uma forma geral, sua existência depende da atenção prévia das necessidades materiais básicas. A cultura erudita não é uma cultura de massas, pelo contrário, a concepção de um consumismo exacerbado afasta-se da cultura erudita (Bosi, 1986), pois o erudito tem um caráter de descobrimento do belo e de autoconhecimento. Ela tem como pressuposto o deleite com a arte, da sacra à moderna, do renascimento à reforma, da iluminista à barroca, do surrealismo ao romântico, enfim da arte enquanto uma linguagem distinta, que necessita uma educação específica para seu deleite e contemplação. O próprio termo contemplação afasta-se do “tempo é dinheiro” capitalista. Essa outra linguagem, que representa a arte, difere de uma leitura mecânica da sociedade, traz-nos um olhar peculiar dos períodos históricos expressando as características de um povo, de um grupo e de cada contexto específico.

Mas aqui, da mesma forma que no caso anterior, é preciso tomar cuidado com definições simples ou principistas. O cinema por exemplo, mesmo resultado do desenvolvimento industrial, não pode ser considerado manifestação exclusiva da cultura de massas, correndo o risco de apresentar um ideal de erudito passadista, pensando a arte erudita como classicismo e que uma arte erudita jamais poderá ser feita em interface com as máquinas contemporâneas. Este pensamen-



to apresenta a cultura de forma estática e esquece a possibilidade de re-significação de toda manifestação humana. A arte é um veículo de contestação social, como por exemplo o Cinema Novo brasileiro da década de 60 e 70 e o surrealismo. A cultura erudita pode representar a contestação ao sistema e a sua própria contradição, ser ao mesmo tempo fruto do capitalismo e sua crítica. Por conseguinte, como acontece com a cultura popular, a cultura erudita também é re-significada, utilizando de novas técnicas e tecnologias para se expressar. O cinema, que é um cânone da indústria cultural, também pode surgir como manifestação de uma cultura erudita, nos termos aqui desenvolvidos.

A contemplação da arte é lazer. Apesar da cultura erudita e do lazer se afastarem, devido ao conceito lazer colar-se à indústria cultural, pode-se tentar aproximá-lo do erudito para construir um contraponto à cultura de massa. Subvencionada pelo Estado, a arte erudita representada pelos museus, apresentações das orquestras clássicas, bibliotecas de acesso gratuito são pouco procuradas já que dependem de um desenvolvimento educacional complexo e de longa maturação. O desinteresse por parte de setores da população, decorrente de problemas estruturais no campo educacional, leva a uma menor atenção pelo Estado, desvalorizando e tornando mais difícil o surgimento e divulgação de novos artistas e novas tendências eruditas, numa espécie de círculo vicioso.

Em resumo, como tentaremos desenvolver no Quadro I, a seguir, o lazer erudito pode ser caracterizado pela valorização do indivíduo, sensibilidade e autoconhecimento. Na cultura popular há a valorização do indivíduo enquanto grupo e também da sensibilidade, contudo este conhecer-se não figura como principal característica. Na indústria cultural esta sensibilidade é totalmente disparatada, quase um clichê, a valorização extremada do indivíduo leva ao individualismo e

o autoconhecimento pode levar à aniquilação dos princípios de consumo, porisso não existe.

Quadro I: Características do lazer no campo de atuação

Características do lazer	Erudito	Massa	Popular
Atributos sociais valorizados	Autoconhecimento Individualidade Subjetivismo	Alienação Individualismo Fetiche	Familiaridade Coletivismo Intersubjetivismo
Relação com as políticas públicas	Precária e sem incentivo.	Garimpo de votos Populista Consumista	Programas Federais sem apoio popular Populista
Relação com o lazer	Afastamento pelo elitismo	Quase sinônimo	Idéia de passadismo Nostalgia romântica
Dificuldade ao acesso	Educação Divulgação	Acesso aos bens materiais	Dominação da cultura urbano-industrial
Inserção social	Elitista	Dominação Hegemônica	Regionalista
Formas de expressão	Plural Seletiva Elitista	Mercadológica Alienante Massa consumidora	Patriarcal Coletivista Identidade nacional
Diálogo com outros campos	Aberto	Fechado	Aberto

As relações entre lazer e cultura, ou ainda a percepção das dimensões do lazer a partir da reflexão a respeito da cultura, permitem perceber a dominação (não absoluta) da indústria cultural, definida a aqui enquanto categoria próxima à cultura de massa, com relação à cultura popular e a cultura erudita, através da relação ideológica com o público, onde incentiva o consumismo e o individualismo. E a cultura popular, caracterizada pela sociabilidade espontânea, e a erudita caracterizada pelo autoconhecimento, apresentam um intercâmbio constante, ou pelo menos uma dimensão comum

enquanto resistência ou re-significação da indústria cultural, conforme procuramos ilustrar no Quadro II, que segue:



Políticas públicas de lazer: relação cultura/lazer

A discussão a respeito de políticas de lazer é muito diferente da discussão sobre o objeto de pesquisa lazer. Trata-se de uma transposição repleta de conseqüências. Enquanto a pesquisa teórica busca ampliar o conhecimento acumulado a respeito de um determinado assunto, a prática política busca a ampliação do poder dos agentes. Neste sentido, o investimento no lazer é uma opção política fraca, com relação a campos como educação saúde ou habitação. Pensar a política de lazer é praticamente sinônimo de pensar em formas de aumentar o peso da área dentro da constelação mais ampla de alternativas de investimento que se apresentam para os governantes, a partir da inserção num quadro nacional com forte influência das práticas clientelistas, onde governar muitas vezes confunde-se, ou até mesmo resume-se a distribuir verbas.

O primeiro aspecto que chama a atenção, a partir desta linha de raciocínio, é o caráter educativo das políticas públicas de lazer. O lazer, que antes era visto como delinqüência, ociosidade e desocupação, precisava vincular-se à ordem so-



cial (Sant'Anna, 1994). Associar as políticas públicas a esta ordem tendo no esporte o seu maior representante foi muito tranqüilo. Esta visão do lazer pode ser encontrada em gestões de diferentes prefeituras como Belo Horizonte (1999) e Rio Grande do Sul (Stigger, 1996), apropriando-se de discussões correntes da década de 70 e 80, como a preservação e transformação de áreas urbanas de forma a facilitar o acesso ao lazer (Requixa, 1980) e a educação pelo lazer e para o lazer, numa perspectiva de influência funcionalista, com o fim último de pensar o lazer como um eficiente instrumento de auxílio no vasto esquema educacional, que visualiza a promoção humana e o progresso da sociedade (Stigger, 1996). O lazer se potencializa na educação pelo lazer, isto é, ao colocar o caráter educativo, as atividades de lazer são explicáveis e justificáveis. Em outras palavras, o lazer apoia-se no processo pedagógico formal para fundamentar-se em algo maior e ter assim sua legitimação enquanto política pública. Outra alternativa de valorização do lazer passa por associá-lo ao controle da criminalidade (Nicholls, 1997). Trata-se então de um lazer funcionalista, que serve para minimizar os riscos sociais, fundamentado na concepção de que as ações ilícitas são provocadas por escolhas do indivíduo e não por problemas sociais mais gerais. O lazer é visto como integrante de um plano geral que vai eliminar a delinquência (Belo Horizonte. Prefeitura Municipal, 1999).

O lazer nas políticas públicas pode, também, dentro de um cenário de repressão política, surgir como um mecanismo de coerção às escondidas. Talvez hoje, muitos dos problemas relacionados aos usos do lazer sejam referentes à dificuldade em libertá-lo das morais autoritárias do militarismo (Sant'Anna, 2001). A filosofia desta ação prática, não é a de entender o lazer de uma forma mais humana, para compartilhar ações e unir pessoas enquanto um meio importante para uma tomada de consciência e mudança social.



A implementação de uma política de lazer dá-se no interior de um projeto político mais amplo e através de uma máquina de administração pública dominada, durante um período de tempo específico, por um partido político ou, ainda, por uma tendência integrante de um partido político. A expectativa do controle de verbas para serem distribuídas, mais a necessidade de lotear as diferentes secretarias entre os grupos que irão compor uma base parlamentar de apoio, leva a que as ações administrativas sejam executadas de uma forma não coordenada e independentes umas das outras, em função dos interesses específicos de cada grupo instalado na estrutura de poder. Assim, é extremamente difícil somar as propostas do campo do lazer com as de outras áreas como saúde, habitação, educação, etc, conforme procuramos apontar em outro texto (Gutierrez, 2001). O mesmo tipo de situação pode ser percebida com relação à área de cultura e os agentes culturais, levando muitas vezes ao aumento da importância dos conteúdos esportivos no interior das políticas de lazer, ou ainda à opção mais fácil de contratar, com verbas públicas, apresentações de representantes da indústria cultural, já que eles possuem a legitimação de serem conhecidos e sua presença desejada por grande parte da população.

A política pública de lazer, como qualquer outro setor, deve ter uma postura crítica e articular-se, compartilhando objetivos e recursos, além de adotar como critérios fundamentais o incentivo à sociabilidade espontânea e o desenvolvimento da sensibilidade e do autoconhecimento dos participantes. É neste sentido que procuramos aqui apontar a importância da pesquisa a respeito do objeto cultura e sua contribuição para pensar o lazer e as políticas de lazer.

Referências bibliográficas

ADORNO, THEODOR E HORCKEIMER, MAX. *DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO, INDÚSTRIA CULTURAL: O ESCLARECIMENTO COMO MISTIFICAÇÃO DAS MASSAS* (TRAD. GUIDO DE ALMEIDA), RIO DE JANEIRO, ZAHAR, 1986.

BELO HORIZONTE. PREFEITURA MUNICIPAL. SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES. *O LÚDICO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS: REALIDADE E PERSPECTIVAS*. BH: PBH/SMES, 1999.

ALMEIDA, MARCO ANTÔNIO BETTINE. *LAZER E PRESÍDIO: CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA*. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER DA FAC. DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP. CAMPINAS, (SP), 2003.

BENJAMIN, WALTER. *MAGIA E TÉCNICA, ARTE E CULTURA: ENSAIOS SOBRE A LITERATURA E HISTÓRIA DA CULTURA* (TRAD. SERGIO PAULO ROUANET), SÃO PAULO, BRASILIENSE, 1994.

BOSI, ECLEA. *CULTURA DE MASSA E CULTURA POPULAR: LEITURAS OPERÁRIAS*. PETRÓPOLIS: VOZES, 1986.

BOURDIEU, PIERRE. *PODER SIMBÓLICO*. TRADUÇÃO DE TOMAZ BERTRAND. RIO DE JANEIRO: BRASIL, 1989.

CORBIN, ALAIN. *L'AVÈNEMENT DES LOISIR (1850-1960)*. PARIS: AUBIER, 1995.

DUMAZEDIER, JOFRE. *SOCIOLOGIA EMPÍRICA DO LAZER*. TRADUÇÃO: SILVIA MAZZA E J. GUINSBURG. SÃO PAULO: PERSPECTIVA: SESC, 1979.

ELIAS, NOBERT. *A SOCIEDADE DOS INDIVÍDUOS*. TRADUÇÃO: VERA RIBEIRO. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 1984.

ELIAS, NOBERT E DUNNING, ERICH. *MEMÓRIA E SOCIEDADE A BUSCA DA EXCITAÇÃO*. LISBOA: DIFEL, 1992.

FERNANDES, FLORESTAN. *O FOLCLORE DE UMA CIDADE EM MUDANÇA* IN OLIVEIRA, PAULO DE SALLES (ORG.). *METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS*, SÃO PAULO, HUCITEC/UNESP, 1998.

GEERTZ, CLIFORD. *A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS*. RIO DE JANEIRO: GUANABARA, 1989.

GUTIERREZ, GUSTAVO. *LAZER EXCLUSÃO SOCIAL E MILITÂNCIA POLÍTICA*. IN: IN: BRUHNS, H. E GUTIERREZ, G. (ORGS). *TEMAS SOBRE O LAZER*. CAMPINAS: AUTORES ASSOCIADOS, 2000.

_____. *LAZER E PRAZER QUESTÕES METODOLÓGICAS E ALTERNATIVAS POLÍTICAS*. SÃO PAULO: EDUSP, 2001.

_____. *ASPECTOS ORGANIZACIONAIS E LÚDICOS DA QUALIDADE DE VIDA: ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR*, IN GONÇALVES, AGUINALDO E VILARTA, ROBERTO, QUALIDADE DE VIDA E ATIVIDADE FÍSICA: EXPLORANDO TEORIAS E PRÁTICAS, BARUERI, SÃO PAULO, MANOLE, 2004.

HABERMAS, JÜRGEN. *TEORIA DE LA ACION COMUNICATIVA*. VERSIÓN CASTELLANA DE MANOEL JEMENEZ REDONDO. MADRI: TAURUS, 1987.
DE JANEIRO: TEMPO BRASILEIRO, 1989.

MAGNANI, JOSÉ. *LAZER UM CAMPO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA*. IN: BRUHNS, H. E GUTIERREZ, G. (ORGS.). O CORPO E LÚDICO: CICLO DE DEBATES LAZER E MOTRICIDADE. CAMPINAS: AUTORES ASSOCIADOS, 2000.

MORIN, EDGAR. *CULTURA DE MASSA NO SÉCULO XX: NEUROSE*. 9ª EDIÇÃO. RIO DE JANEIRO: FORENSE UNIVERSITÁRIA, 1997.

NICHOLLS, GEOFF. THE ROLE OF SPORT COUNSELING FOR UNEMPLOYED YOUNG PEOPLE ON PROBATION (23-26). IN: *WORLD LEISURE E RECREATION*. VOLUME 39. Nº 4. LEISURE MANAGEMENT UNIT, SHEFFIELD UNIVERSITY THE UK, 1997.

SANTÁNNA, DENISE. O PRAZER JUSTIFICADO: HISTÓRIA E LAZER (SÃO PAULO, 1969/1979). SÃO PAULO, MARCO ZERO/MTC-CNPQ, 1994.

_____. *CORPOS DE PASSAGEM*. SÃO PAULO: ESTAÇÃO LIBERDADE, 2001.

STIGGER, MARCO. *PARTICIPAÇÃO POPULAR NA GESTÃO ESPAÇO PÚBLICO DE LAZER: UM CAMINHO PERCORRÍVEL NA CONSTRUÇÃO DA UTOPIA DEMOCRÁTICA*. IN: MARCELLINO, N. (ORG). POLÍTICAS PÚBLICAS E SETORIAIS DE LAZER: O PAPEL DAS PREFEITURAS. CAMPINAS: AUTORES ASSOCIADOS, 1996.